

## “*VERUM ET PULCHRUM CONVERTUNTUR*”

Pedro M. Guimarães Ferreira, S.J.  
PUC — Rio

**P**alácio se interroga “como explicar esta misteriosa atração... da razão sobre a fé cristã?” E ele mesmo responde: “Existe realmente uma afinidade quase natural entre a fé e a razão”. Poderíamos explicitar esta afinidade lembrando que, como ensina Santo Tomás, “beatitudo consistit in intelligendo” (S. T., I, q. 26, a. 2 in c.), ou seja, a felicidade eterna consiste num ato do intelecto, na visão de Deus face a face. Portanto, é a verdade que plenifica o homem.

Mas eu gostaria de desenvolver uma ordem de idéias paralelas, lembrando que, de acordo com a metafísica, “*verum et pulchrum convertuntur*”, ou seja, o verdadeiro é belo e o belo é verdadeiro e, assim, responder à pergunta inicial: a razão atrai a fé cristã por causa da beleza da verdade, isto é, enquanto a fé cristã atinge a Beleza da Verdade Incriada, a razão atinge a beleza da verdade criada, imagem e reflexo daquela. Então meu objetivo aqui será mostrar, em três instâncias atuais e significativas da nossa civilização, que, efetivamente, “*verum et pulchrum convertuntur*”.

Tomemos primeiramente a ciência que é, do ponto de vista da precisão e clareza, paradigmática para os nossos tempos, a *matemática*. Sabemos que os matemáticos se guiam na escolha dos axiomas, definições e conjeturas por um “faro” estético. O caminho escolhido, entre muitos possíveis, é indicado pelo sentido do mais harmonioso, mais simétrico, mais simples, mais belo, numa palavra. (Seja dito que, muitas vezes, a anti-simetria

é mais bela.) E depois de feita a escolha, pode-se verificar que outras escolhas, outros caminhos, não levam a lugar nenhum ou não levam muito longe.

O que é que levou um Cauchy a desenvolver uma teoria completa de funções de variáveis complexas com números "imaginários" e que só teria aplicação extensiva na Ciência e Tecnologia mais de cem anos depois, senão o sentido estético, a vontade de completar uma obra "inacabada" que era a teoria das funções das variáveis reais? É o desejo de ver as coisas de uma perspectiva mais real, quando também, por exemplo, se passa de um espaço de  $n$  dimensões para um de  $n+1$  dimensões ou, mais radicalmente, quando se passa de um espaço de dimensão finita para um espaço de dimensão infinita.

Que é que levou Riemann a estabelecer uma geometria "curva", não-euclidiana? Ele mal podia supeitar que aquela geometria seria usada mais de cinquenta anos depois na Teoria da Relatividade Geral.

E George Boole, que inventou uma álgebra que só encontraria aplicação várias dezenas de anos depois, com o advento dos computadores digitais? Portanto, a evolução da matemática tem sido no sentido da construção de estruturas sempre mais abstratas para que se tenha uma visão mais completa e, em última análise, mais bela do mundo da matemática.

Na Física algo semelhante tem acontecido. Assim, é de Einstein a interpretação mais "estética", poderíamos dizer, das equações de Lorentz para explicar as experiências de Michelson-Morley. Se as leis da Mecânica são invariantes com relação a referenciais galileianos, as leis do eletromagnetismo, i.é, as equações de Maxwell, também devem sê-lo: eis o princípio da relatividade restrita de Einstein. O corolário lógico, difícil de aceitar pelo senso comum, é a inexistência da simultaneidade absoluta. E, no entanto, em termos estéticos, a invariância das equações de Maxwell é superior à simultaneidade absoluta. (É claro que a sensibilidade estética é educável, quem não tem um certo treino de matemática não é capaz de admirar esteticamente a invariância de equações.)

Um terceiro exemplo de correspondência entre verdade e beleza que ficou mais evidente neste século é o jogo de xadrez. Hoje em dia as "aberturas" e os finais de jogo são bem conhecidos, os campeões não erram aí, o início e o final do jogo já estão nos bons programas de computador. Um grande mestre joga os dez primeiros lances, ou mesmo mais, em poucos minutos; e se perde

alguns poucos minutos, é para se concentrar e ir pensando no desenvolvimento posterior do jogo. Os finais de jogo são ainda mais rápidos. Em um único minuto, um grande mestre faz às vezes mais de 20 lances, sem errar. O difícil é o chamado "meio de jogo" onde, num único lance, um campeão gasta às vezes mais de 1 hora. O que é que guia um grande mestre na escolha deste lance decisivo, que vai definir, diante de um adversário do mesmo nível, a vitória ou a derrota? Note-se que o número de possibilidades é astronômico, por isso nem mesmo os mais poderosos computadores atuais e de um futuro próximo são capazes de vasculhar, dentro de um tempo de uma partida (2 horas e meia para cada jogador), todas as possibilidades para concluir qual(is) a(s) seqüência(s) de lances que levam à vitória. Conseqüentemente um campeão, um grande mestre, decide a partir do próprio conhecimento de jogos passados, da sua experiência, por outras palavras, e do seu senso estético. O que é significativo para o tema que estamos tratando é o fato de o elemento estético ser decisivo numa partida de xadrez. Em alguns jogadores, os de chamado estilo posicional, isto é mais óbvio: assim, Capablanca tornou-se imortal com a elegância de seu estilo posicional. Outros (p. ex., Kasparov) têm estilo mais "dinâmico" e agressivo; seriam, no xadrez, os filhos espirituais de Demócrito, enquanto os de estilo posicional seriam os filhos espirituais de Platão.

E aqui se põe o problema do belo no contexto da oposição essência *versus* dinamismo. Existe o belo das essências, captadas especialmente pelas artes plásticas, mas existe também o belo do movimento, captado pela arte cinematográfica e, em forma abstrata, pela música. O belo no movimento é muitas vezes menos óbvio; assim, usualmente não se gosta muito de uma sinfonia de Beethoven quando ouvida pela primeira vez.

E neste contexto põe-se aqui também o nunca satisfatoriamente resolvido problema do uno e do múltiplo, ou ainda, do simples e do complexo. Santo Tomás, seguindo sólida tradição, diz que Deus é simples e imutável, enquanto Teilhard de Chardin verifica que a evolução tem sido no sentido da complexificação. Como se conciliam estas duas perspectivas? Talvez utilizando a categoria do belo. Olhada no seu aspecto dinâmico, a complexificação é bela e simples; as estruturas que se formam são certamente complexas, mas o *processo* pelo qual elas se formam é sempre extremamente simples: isto pode ser verificado na ontogênese que, como se sabe, reproduz em pouco tempo a filogênese. Então a simplicidade no processo não exclui e, pelo contrário, inclui a complexidade das estruturas que vão se formando dinamicamente.

Será que se poderia dizer que a simplicidade de Deus estaria no seu dinamismo? Sempre o mesmo e sempre diferente, teríamos em Deus uma “passagem ao limite” em que a imutabilidade seria a da simplicidade do dinamismo. E um dinamismo, não no tempo, mas num instante eterno e, por isso mesmo, uma complexidade. Mas é claro que aqui já estamos próximos de um mero jogo de palavras e a razão humana, ao assumir a própria incompetência para entender o Mistério, se limita a balbuciar diante de Deus, tal como uma criancinha que diante dos pais se esforça por dizer aquilo que ainda não tem capacidade para compreender, mas que nesse esforço faz o encanto dos pais.

E gostaria, para finalizar, de fazer um excursão sobre a função estética nos desdobramentos da Revelação através da Doutrina da Igreja. Quer me parecer que o “faro” ortodoxo da Igreja tem a ver com a estética, com o belo. É sintomática, na minha opinião, a preferência da Igreja por Santo Tomás de Aquino; são notáveis, no assim chamado “Doutor Angélico”, além da lógica, a precisão e profundidade dos conceitos, o equilíbrio na analogia, a harmonia do conjunto, um ponto de equilíbrio delicado, diria mesmo instável, dada a fragilidade humana, entre a precisão conceitual, a profundidade metafísica e o respeito ao Mistério. Temos na sua obra as características do belo no mais elevado grau acessível às criações humanas, aquilo que é chamado o *sublime*.

As doutrinas heterodoxas e aquelas marginais à ortodoxia têm sempre, pelo contrário, pelo menos assim me parece, algo de desarmonioso, de desequilibrado, quanto não, muitas vezes, algo de grotesco, de mau gosto, de “kitsch”!

Guiada pelo Espírito Santo, Beleza Incriada, a Igreja discerne o caminho para a Verdade a partir da Beleza da Luz irradiada pela mesma Verdade.

Endereço do autor:  
R. Marquês de São Vicente, 293  
22451 — Rio de Janeiro — RJ